

ARTIGO 10

DOENÇA E MORTE NO IMAGINÁRIO DA HUMANIDADE

Marcelo Serafim de Souza³¹²

Flávio Schmitt³¹³

RESUMO

O Artigo em questão, se propõe a estudar a temática “Doença e Morte no Imaginário da Humanidade”. Em um primeiro momento falamos acerca da inevitabilidade da morte. Pois, mesmo diante dos avanços da medicina, sua inevitabilidade é incontestável. Na maioria das vezes, será sempre precedida de doenças. Aliás, doença e morte, extrínsecas ao ser humano, revelam-se em situações que lhe retiram a independência e o controle sobre si. Conseqüentemente, desde os tempos remotos, o homem procurou respostas para aquilo que fugia ao seu controle. Em um segundo momento demonstramos que, para o pensamento intrínseco à Antiguidade, a fúria dos deuses, funcionava como causa-efeito ao surgimento das doenças e moléstias, bem como a precocidade da extinção do indivíduo do convívio com seus entes queridos. Em um terceiro momento destacamos a questão do Estado Intermediário, pois, desde a Antiguidade, cunhou-se a ideia da possibilidade de continuidade da vida, mesmo após o evento morte, que na concepção judaica, denominou-se “שְׁאוֹל” ‘Sheol’, concebido como o lugar onde estão ímpios e justos simultaneamente. A concepção grega, de outra sorte, interpreta o “Estado Intermediário”, como o destino dual da Alma. Haja vista, na libertação da alma imortal do corpo, que é mau, presa fácil dos prazeres, paixões e frivolidades, que escravizam-no, abrir-se-ia a possibilidade da existência no “Αἵδης” Hades. Local onde a alma, somente após a morte, alcançaria a plena sabedoria. Por essa razão, o sábio, ciente deste fato, tornar-se-ia então, feliz com a morte, enquanto àquele que lhe falta entendimento, se entristeceria com a proximidade da morte.

Palavras-Chave: Doença - Morte – Estado Intermediário - Deuses

³¹² Teólogo graduado pela Faculdade Unida de Vitória. Mestre e Doutorando em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Email: marcelohefziba@hotmail.com.

³¹³ Doutor em Ciências da Religião pela UMESP, professor na Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Email: Flavio@est.edu.br.

ABSTRACT

The article in question proposes to study the theme “Disease and Death in the Imaginary of Humanity”. Firstly, we talk about the inevitability of death. Because, even in the face of advances in medicine, its inevitability is undeniable. Most of the time, it will always be preceded by illness. In fact, illness and death, extrinsic to human beings, reveal themselves in situations that take away their independence and control over themselves. Therefore, since ancient times, man has sought answers to what was beyond his control. In a second moment, we demonstrated that, for the thought intrinsic to Antiquity, the fury of the gods functioned as a cause-effect for the emergence of diseases and illnesses, as well as the early extinction of the individual from coexistence with their loved ones. In a third moment we highlight the issue of the Intermediate State, since, since Antiquity, the idea of the possibility of continuity of life, even after the event of death, was coined, which in the Jewish conception, was called “שְׁאוֹל” ‘Sheol’, conceived as the place where the wicked and righteous are simultaneously. The Greek conception, on the other hand, interprets the “Intermediate State” as the dual destiny of the Soul. Given that, in the liberation of the soul from the body, which is evil, an easy prey to the pleasures, passions and frivolities that enslave it, the possibility of existence in the “Αδης” Hades would open up, a place where the soul, only after death, would reach full wisdom. For this reason, the wise man, aware of this fact, will then become happy with death, while he who lacks understanding would be saddened by the proximity of death.

Keywords: Disease - Death – Intermediate State - Gods

INTRODUÇÃO

No decorrer dos séculos e milênios, doença e morte sempre intrigaram, amedrontaram e povoaram com inúmeras expectativas, as sociedades existentes. Por causa disso, doença e morte fogem ao controle do homem. E “tudo o que priva o homem do controle que julga ter sobre a sua vida é motivo de medo e de investigação desde os tempos mais remotos”.³¹⁴

³¹⁴ BARBOSA CA, Bertão LSP, Passinho LS. *Os inimigos invisíveis: a doença como metáfora*. Rev Inter Educ Saúde. 2020;4(2):100-104. <http://dx.doi.org/10.17267/2594-7907ijhe.v4i2.3330>.

A lógica natural é que, o homem, que sob a ordenança divina, “sujeita a terra e, domina sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra”³¹⁵, tende a ser independente, sujeito de suas próprias emoções e razões. Tendo o controle sobre os rumos de sua vida, e sobre a terra. “Nessa perspectiva, o que depende do indivíduo, nesta vida, é o que está sob o seu controle e tudo o que foge do seu controle não depende dele”.³¹⁶

E, diga-se de passagem, doença e morte, sempre estiverem fora do controle do ser humano, portanto, independentes da ação e controle deste. Por conta disso, durante muito tempo, o ser humano demonstrou preocupação com as doenças que foram surgindo ao longo do tempo. Bem como a possibilidade da existência de vida após a morte, inquietou gerações.

O fato de conhecer a finitude de sua vida, conseqüentemente a certeza da morte, torna o ser humano diferente dos demais seres vivos. A capacidade de conhecer-se a si próprio, fundamenta a sua relação com a inevitabilidade de sua própria morte³¹⁷.

Para a médica, escritora, professora e palestrante em temas sobre envelhecimento e morte, Ana Claudia Quintana Arantes, a inevitabilidade da morte, é algo que foge ao controle e independência humana.

Todas as pessoas morrem [...]. Não sei por que crianças morrem. Não há explicação para isso, mas elas morrem. Também não sei por que jovens morrem, mas eles morrem. Os velhos morrem, e apesar de ser mais ou menos óbvio que quando ficamos idosos podemos morrer, nem sempre é simples aceitar esse destino lógico. Não é raro depararmos com pessoas que não aceitam que seus amados, mesmo os

³¹⁵ GÊNESIS 1.28 (BÍBLIA Sagrada. Harpa Sagrada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadoras das Assembleias de Deus, 2016. p.4)

³¹⁶ CALONGA, Adimir Brito; VERAS, Cesar Augusto; TREVIZAN, Marcio Bogaz; BORGES, Pedro Pereira. *O 'Manual para a Vida Feliz' de Epiteto: Um Comentário Sobre os Fragmentos de 1 A 6*. Synesis, v. 13, n.2, p. 19-36, ago/dez2021, ISSN 1984-6754.

³¹⁷ JÜNGEL, Eberhard. *Morte*. Trad. Ilson Kayser. 3ed. São Leopoldo/RS: Sinodal/EST. 2010, p.42.

bem velhinhos, morram. Mas sejam idosos ou jovens, ricos ou pobres, pretos ou brancos, homens ou mulheres; sejam advogados ferozes, voluntários ou políticos corruptos, a morte um dia vai bater à porta. Poderá vir acompanhada de uma doença e de sofrimento, estejamos prontos ou não.³¹⁸

Quanto à terminalidade do homem, nem a medicina com seus avanços tecnológicos, possui o condão de extingui-la. Para a médica Arantes, todo ser humano, um dia estará diante do término desta vida aqui, seja de morte natural ou não.

Morte natural é aquela que acontecerá em decorrência de uma doença grave incurável, que está piorando e para a qual a medicina esgotou suas possibilidades de tratamento. Nada impedirá a pessoa que tem tal doença de chegar à morte; é uma condição inexorável para aquela situação. [...] A terminalidade pode se prolongar por anos. Terminalidade não é a semana que vem. Terminalidade não é tempo, e sim uma condição clínica que advém de uma doença grave, incurável, sem possibilidade de controle, e diante da qual, impotente, a medicina cruza os braços [...] Isso pode ser vivenciado em horas, dias, semanas, meses ou anos. Se a doença avança devagarzinho, pode levar anos; se vai depressa, a pessoa parte em uma semana ou em poucos dias.³¹⁹

1. A FÚRIA DOS DEUSES

Para o pensamento dominante da Antiguidade, a fúria dos deuses era tida como a causa motriz para o surgimento das moléstias e doenças, em resposta ao modo irrefletido, desregrado e errante de vida observado pelo homem e, a sua cura envolvia rituais de sacrifícios e penitências aos deuses, como modo de aplacar a fúria destes, trazendo assim a cura, ao enfermo e, extirpando as doenças do seio da sociedade, o que desaguaria, sem sombra de dúvidas, na extirpação da precocidade da extinção do indivíduo do convívio com seus entes queridos.

Cornelli retrata com maestria o disposto supra, ao prelecionar:

³¹⁸ ARANTES, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. p.66.

³¹⁹ ARANTES, 2019. p.75.

Frente à rotineira necessidade que os detentores de poder têm de propaganda, não surpreende a atribuição a eles de diversos milagres e prodígios. Plutarco, na sua *Vida de Pirro*, rei do Epiro (atual Albânia), falecido em 272 a. C., narra do uso que este fazia de seu proverbial dedão do pé para curar várias doenças, especialmente as do baço. Em troca, recebia um galo branco que sacrificava ao deus da cura, Asclépio (e comia em seguida).³²⁰

O que corrobora Barbosa, Sertão e Passinho, ao preconizarem que:

Desde Édipo rei de Sófocles (427 a.C), a peste, terminologia utilizada para categorizar o que há de pior em termos de calamidades e males coletivos [...], é associada à fúria divina. Tendo Édipo, rei de Tebas, assassinado o pai e casado com a mãe (sem sabê-lo), é a razão pela qual a cidade que governa sofra com uma terrível epidemia, inominável, que assola homens e animais. A metaforização da doença como fruto de um erro, consciente ou não, de um pecado, se nos valermos do campo semântico judaico-cristão, é antiga (e ainda vigente).³²¹

Nesta mesma linha de raciocínio, Souza, para quem:

O motivo que determina a necessidade de separação entre o profano e o sagrado é a contagiosidade deste último. O sagrado tende a contagiar todo o meio, as pessoas, as coisas e animais que o circundam, por isso sua manipulação deve ser orientada por precauções. Se por um lado o devido tratamento do sagrado pode levar à experiência da consagração, sua profanação o libera sob uma manifestação hostil, que procura o domínio sobre o transgressor por meio da instauração da doença e da morte.³²²

³²⁰ CORNELLI, Gabriele. *Sábios, Filósofos, Profetas ou Magos? Equivocidade na recepção das figuras de θεῖοι ἄνδρες na literatura helenística: a magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Kliné, 2022. p.97.

³²¹ BARBOSA CA, Bertão LSP, Passinho LS. *Os inimigos invisíveis: a doença como metáfora*. Rev Inter Educ Saúde. 2020;4(2):100-104. <http://dx.doi.org/10.17267/2594-7907ijhe.v4i2.3330>.

³²² SOUZA, João Bosco de. *Ecumenismo e diálogo Inter-Religioso*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

A saída lógica, *in casu*³²³, seria fazer uma aliança com o divino e, não quebrar esta aliança, para que a fúria divina, não se transmutasse em doenças e mortes no meio do povo.

Para entendermos o relacionamento de Deus com os seres humanos por meio das alianças, precisamos observar como elas funcionavam na dimensão humana, em que pessoas faziam alianças entre si. No mundo do antigo Oriente Próximo, as alianças eram acordos extremamente sérios, confirmados com juramentos, e serviam para estabelecer diversos compromissos em diferentes relacionamentos: tratados internacionais, alianças entre clãs, acordos entre parentes e amigos e compromissos de casamento. As pessoas temiam quebrar uma aliança, pois a ira dos deuses cairia sobre elas, como em um acordo entre Esaradom, imperador da Assíria, e um de seus vassalos, rei da cidade de Urakazaban. Caso o vassalo quebrasse o tratado, ele sofreria a punição de vários deuses assírios, que implicaria ter uma vida breve, sofrer de grave doença de pele, sofrer o saque de seus bens por um inimigo, ter seus descendentes eliminados da face da terra, morrer na batalha e ser comido por aves de rapina e chacais.³²⁴

No Egito Antigo, o faraó era tido como àquele próximo da divindade. Com isso, poderia trazer alívio para o povo, diante de mazelas a lhes molestar. Mantendo assim a ordem, ao proteger o povo, principalmente de doenças.

A esse respeito Reinke, ao prelecionar que:

A grande preocupação do egípcio era que a ordem natural e social fosse perturbada. As doenças ou morte de um indivíduo, ou as crises econômicas derivadas de uma desregulação das enchentes do Nilo eram vistas como uma desordem cósmica que poderia comprometer a vida do Egito

³²³ IN CASU. In casu é uma palavra oriunda do latim, a qual significa 'no caso vertente', ou seja, 'no caso em julgamento'. Disponível em: <<https://dicionariodireito.com.br/in-casu>>. Acesso em: 03/06/2024.

³²⁴ ABDALLA, Tiago. O hebraico nosso de cada dia: Reflexões teológicas, espirituais e práticas de dez importantes palavras HEBRAICAS. São Paulo: Hagnos, 2022. p.27.

como um todo. Por isso, era imprescindível manter a ordem. E o responsável por isso era o faraó.³²⁵

À esta mesma linha de raciocínio tem-se a adesão de Cornelli, ao reverberar que: “um especial poder performático de cura e milagres foi atribuído na Antiguidade a reis e imperadores. A proximidade do rei com a divindade, quando não se trata de coincidência (como no caso do Egito), é uma crença bastante difundida”.³²⁶

Para Neto e Cavalcanti, a doença dentre outras moléstias, era introduzida no seio da sociedade, mormente judaica, pela divindade, como forma de punição à uma vida dissoluta da sociedade. Pois, “dentro do imaginário religioso judeu, se a lei judaica não fosse seguida, o povo estaria sujeito às maldições. Assim, a desgraça, insucesso, doença ou pobreza eram sinais de uma punição justa”.³²⁷

Exemplo clássico temos nos versículos 1 a 3 do capítulo 9 do Evangelho de João:

- 1: E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença.
- 2: E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?
- 3: Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus.³²⁸

Em uma acurada leitura dos versículos supra, se percebe, a influência da tradição rabínica, presente na sociedade judaica ao tempo de Jesus. E, tanto Jesus, quanto seus discípulos, sendo judeus, por óbvio, conheciam bem esta tradição

³²⁵ REINKE, André Daniel. Os outros da Bíblia: História, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

³²⁶ CORNELLI, Gabriele. Sábios, Filósofos, Profetas ou Magos? Equivocidade na recepção das figuras de θεῶν ἄνδρες na literatura helenística: a magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré. p.96.

³²⁷ NETO, Felinto Pessôa de Faria; Cavalcanti, Juliana Batista (org.). Judaísmo e Cristianismos antigos: interações culturais na Bacia Mediterrânea. Rio de Janeiro: Klíne, 2021. p.19s.

³²⁸ BÍBLIA Sagrada. p.1049.

rabínica, que se referia a possibilidade de alguém cometer pecado, ainda que em período pretérito ao seu nascimento.³²⁹

Conforme acima mencionado “dentro do imaginário religioso judeu, a consequência de uma vida dissoluta e desregrada, culminaria na fúria divina sobre o povo, que estaria sujeito à inúmeras moléstias”. Essa assertiva era de igual modo, conhecida pelos judeus à época de Cristo. Aqueles que experimentavam intempéries em suas vidas, poderiam estar sob o peso do castigo divino, seja este uma resposta a um pecado pessoal ou a um pecado dos pais, como é o caso relatado nos versículos supra.³³⁰

Já na era apostólica, insta salutar rememorar que a Corinto da época do Apóstolo Paulo, cresceu exorbitantemente tanto populacional quanto econômico financeiramente. Sendo que a depravação foi atribuída por teólogos como Gordon Fee, por exemplo, a este vertiginoso crescimento populacional e econômico, propiciando que depravação e religião crescessem lado a lado.

A sala de Asclépio no museu de Corinto oferece hoje testemunho silencioso dessa faceta da vida da cidade; ali, em uma das paredes, há um grande número de ofertas votivas feitas de barro que reproduzem genitálias humanas e haviam sido oferecidas à divindade para a cura daquela parte do corpo, certamente devastada por doença venérea.³³¹

E esse pensamento se reverberou pelos séculos, pois, não muito distante de nossa época, nos idos de 1855 e 1856, portanto, século XIX, na Província do Espírito Santo, atual, estado do Espírito Santo, houve um surto epidêmico de cólera avassalador, que dizimou boa parte da população de então.

³²⁹ SANTOS, Pedro Evaristo C. *A COMUNIDADE JOANINA E A SINAGOGA: VIOLÊNCIA E COMPAIXÃO EM JOÃO 9* – Revista Âncora - ISSN 1980-9824 | Volume IX – Ano 9 | Março de 2014.

³³⁰ SANTOS, Pedro Evaristo C. *A COMUNIDADE JOANINA E A SINAGOGA: VIOLÊNCIA E COMPAIXÃO EM JOÃO 9* – Revista Âncora - ISSN 1980-9824 | Volume IX – Ano 9 | Março de 2014.

³³¹ FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. Trad. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2019. p. 2.

À época, a Igreja e a população buscavam uma explicação religiosa, afirmando que a cólera seria uma resposta dada por Deus em razão da quantidade e variedade de pecados cometidos pela população.

Atribui-se à vingança divina, como resposta ao pecados cometidos pela sociedade, ao surgimento da epidemia do cólera e a sua antecessora, a febre amarela, que de igual forma dizimou boa parte da população existente.

Tendo isso em mente, comportamentos sociais foram alterados. Teatros foram fechados. Ocorreram infundáveis missas e procissões, conclamadas pela imprensa local, em que o povo pedia a Deus o fim de referido suplício.

Exortações a que a população se livrasse de seus costumeiros pecados, e passassem a observar uma vida casta, foram acatados em sua totalidade, pela população de então.

Já no início do século passado, o interregno compreendido entre os anos de 1918 e 1919, conforme Silva, “[...] ficou marcado por uma pandemia que atingiu todos os continentes do planeta e causou a morte de, pelo menos, 50 milhões de pessoas. [...] Essa doença [gripe espanhola] [...], afetou, inclusive, o Brasil”.³³²

Tem-se na dición de Souza, que nessa época, na Província da Bahia:

O Arcebispo Primaz do Brasil, D. Jerônimo Thomé da Silva, ordenou que em todas as igrejas da Bahia fosse rezada a oração *Pro vitanda mortalitate vel tempore pestilentiae*, específica para tempos de peste e mortalidade, semelhantes aos vividos pelos soteropolitanos nesse período. Além disso, os sacerdotes deveriam reforçar as orações com um tríduo de preces públicas, do qual constaria a recitação do terço, a ladainha a Nossa Senhora, o *Tantum ergo*, e a benção do Santíssimo Sacramento, entoando-se ao final o cântico «Senhor Deus misericórdia». A Diretoria Geral da Saúde Pública da Bahia não proibiu os ritos católicos realizadas com

³³² SILVA, Daniel Neves. Grandes epidemias da história. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/grandes-epidemias-da-historia.htm>>. Acesso em: 13/06/2024.

o objetivo de suplicar a misericórdia divina, ainda que contrariassem as medidas profiláticas recomendadas pela medicina. Assim, as costumeiras romarias à Igreja do Senhor do Bonfim continuaram a ser realizadas nas sextas-feiras, atraindo um número maior de devotos nesse período.³³³

Em síntese, se percebe então que, a fúria divina pode desencadear moléstias e doenças, como resposta a vida dissoluta da sociedade. E as orações e preces da comunidade, possuem o condão de atrair o beneplácito do divino no afastamento destas mesmas doenças e moléstias.

Contudo, não apenas, doenças e moléstias como respostas a vida desenfreada da população, tinham como causa a fúria dos deuses, mas, o que ocorria ao homem no evento *post mortem*³³⁴, também possuía o controle do numinoso.

Conforme Abdalla, uma vida repleta de intempéries e adversidades, na mentalidade dos israelitas, poderia também ser interpretado como uma espécie de morte:

Esses exemplos revelam como a questão da morte fazia parte da reflexão do homem e da mulher do antigo Oriente Próximo. Como parte desse contexto cultural, os israelitas também pensaram bastante sobre a morte e seu significado. Para Israel, “o âmbito de morte atingia muito mais profundamente a área dos vivos. Fraqueza, doença, prisão e emergência criada por inimigos já constituíam em si uma espécie de morte.”³³⁵

³³³ SOUZA. A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé. *Dynamis* [0211-9536] 2010; 30: 41-63

³³⁴ POST MORTEM = Expressão latina, cujo significado literal é “depois de morto”. Disponível em: <https://conceitos.com/post-mortem/>. Acesso em: 29 maio 2024.

³³⁵ ABDALLA, Tiago. *O hebraico nosso de cada dia*: Reflexões teológicas, espirituais e práticas de dez importantes palavras HEBRAICAS. p.174.

2. ESTADO INTERMEDIÁRIO

Entrementes, quanto ao evento “morte”, o sábio Salomão em Eclesiastes 12.7, reverbera: “e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu”.³³⁶

Desta maneira, na tradição judaica, a morte era vista com tristeza, mas não com aflição, pois, a morte não era o fim, senão o princípio. O famigerado “Estado Intermediário”, tido como o local onde as almas dos mortos permanecem após os corpos serem postos na sepultura, já era conhecido do salmista, quando da composição do Salmo 139.8: “Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também”.³³⁷

Conforme a ótica veterotestamentária, o “שְׁאוֹל” ‘Sheol’ é concebido com o que hodiernamente se entende como o Estado Intermediário, ou seja, um lugar onde estão ímpios e justos simultaneamente.

Para Abdalla, o “שְׁאוֹל” ‘Sheol’, além de destino natural dos mortos, na mentalidade judaica, também tinha uma conotação negativa, como infra se vê:

A vida era central na promessa da aliança de Deus; a morte era o oposto dessa promessa (Deuteronômio 30:15-20). O foco da aliança, em sua forma antiga, era esta vida como o palco em que a bênção e a prosperidade de Deus poderiam ser experimentadas; a morte prematura não era simplesmente a morte do corpo, mas também o rompimento do relacionamento pactual com Deus. Uma pessoa que estivesse passando por sofrimentos, como perseguição, doenças, entre outros problemas, já estaria à beira do Sheol (Salmos 88:3) ou até mesmo dentro dele (Jonas 2:3; Salmos 18:4,5; 30:3; Salmos 116:3-6).³³⁸

³³⁶ BÍBLIA Sagrada. p.678.

³³⁷ BÍBLIA Sagrada. p.640.

³³⁸ ABDALLA, Tiago. *O hebraico nosso de cada dia: Reflexões teológicas, espirituais e práticas de dez importantes palavras HEBRAICAS*. p.177

Portanto, resta claro que, para os judeus, a morte não é o estágio final. Não encerra a vida como um todo, pois, a continuidade da vida, após a morte, conforme retro é tangível.

3. O DESTINO DUAL DA ALMA NA CONCEPÇÃO GREGA

Os gregos, por exemplo, enxergavam a continuidade da vida após a morte, por intermédio da alma, que guiada pelo demiurgo, era conduzida pelos labirintos do “Αδης” Hades.³³⁹

A “νεκρόπολη” necrópole, ou simplesmente, cidade dos mortos, para a mitologia grega, é um local afastado, cercado por um grande muro, que separa os mortos dos vivos e vice-versa³⁴⁰. Este local, denominado “Hades”, conforme a dicção de Zagonel, é um lugar frio.

Segundo a narrativa mitológica, no Hades as almas sentem frio e são convidadas a não se aproximarem da fonte onde as demais sentem frio, mas devem pedir de beber das águas geladas da memória. Após implorar pela água da memória, será percorrido uma estrada na qual muitos daqueles que bem souberam viver passaram. E aqui de fato irás caminhar ao encontro dos bem-aventurados e encontrarás o verdadeiro prazer que se desvela no encontro real e definitivo com o saber.³⁴¹

A imortalidade na filosofia grega pertence a alma, jamais ao corpo. Por conta disso, era completamente inconcebível e incabível, segundo a compreensão grega acerca da vida após a morte, a remota possibilidade da ressurreição de um corpo pútrido em decomposição.

³³⁹ O TERMO grego “Αδης” Hades (submundo dos mortos) e o termo hebraico “לִישׁוֹן” Sheol, no Livro de Jó é relacionado com um lugar subterrâneo (Jó 10:21,22), habitação dos mortos.

³⁴⁰ ZAGONEL, Maurício Luís. *A morte como passagem da alma para o hades*. Revista Comfilotec – ano 5. vol. 9, 2019. p.11.

³⁴¹ ZAGONEL, Maurício Luís. *A morte como passagem da alma para o hades*. Revista Comfilotec – ano 5. vol. 9, 2019. p.13.

Por ocasião da execução de Sócrates por envenenamento, o desapego do filósofo pela vida presente, coadunado ao seu apego à vida *post mortem*, mostrou-se visível no diálogo que se desenvolveu na cela onde se encontrava recluso a espera do envenenamento que daria cabo de sua vida e, ensejou o diálogo denominado “Fédon”. Nome concebido em homenagem a um discípulo querido por Sócrates.³⁴²

Para Sócrates, o corpo e seu mundo de prazeres é um obstáculo a aquisição da verdadeira sabedoria, pois enquanto no corpo se age com a emoção, a alma age com a razão, escapando aos sentidos da vida corpórea, na sua busca da realidade, da verdade e da sabedoria.³⁴³ Por isso, na busca da realidade, o desprezo pelo corpo, deve ser levado em consideração, pois, o corpo é presa fácil dos prazeres, paixões e frivolidades, que escravizam-no, bem como fazem gerar a cobiça e inúmeros conflitos impeditivos da alma alcançar a plena sabedoria, enquanto enclausurada no corpo que é mau, somente alcançando-a, após a morte.³⁴⁴

Em Fédon, Sócrates argumenta sobre a libertação da alma, do corpo que é mau.

[...] durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade. Não somente mil e uma confusões nos são efetivamente suscitadas pelo corpo quando clamam as necessidades da vida, mas ainda somos acometidos pelas doenças – e eis-nos às voltas com novos entraves em nossa caça ao verdadeiro real! O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte [...], nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; [...] se somos

³⁴² JÜNGEL, Eberhard. Morte. p.38.

³⁴³ SANTOS, José Trindade. *Para ler Platão*: alma, cidade, cosmo. Tomo III. São Paulo: Loyola, 2009. p. 39.

³⁴⁴ SANTOS, José Trindade. *Para ler Platão*: alma, cidade, cosmo. Tomo III. p.39.

irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos! [...] Inversamente, obtivemos a prova de que, se alguma vez quisermos conhecer puramente os seres em si, ser-nos-á necessário separar-nos dele e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmos. Só então é que, segundo me parece, nos há de pertencer aquilo de que nos declaramos amantes: a sabedoria. Sim, quando estivermos mortos, tal como o indica o argumento, e não durante nossa vida! Se, com efeito, é impossível, enquanto perdura a união com o corpo, obter qualquer conhecimento puro, então de duas uma: ou jamais nos será possível conseguir de nenhum modo a sabedoria, ou a conseguiremos apenas quando estivermos mortos, porque nesse momento a alma, separada do corpo, existirá em si mesma e por si mesma – mas nunca antes.³⁴⁵

Aristóteles, discípulo de Platão, cunhou a máxima: “A vida torna-se a morte da alma, a morte é o avanço para uma vida superior”.³⁴⁶ O corpo é transitório, enquanto a alma é imortal.

Para Platão, mestre de Aristóteles, o corpo é o cárcere da alma, que somente será libertada, quando da ocorrência da morte. Momento em que esta irá para o mundo dos mortos, isto é, Hades.³⁴⁷

A separação da alma e do corpo, quando do evento morte é visível no diálogo Fédon.³⁴⁸ Isto surge no contexto do debate, em que o filósofo nítida e claramente tem preferência pela morte.³⁴⁹

³⁴⁵ PLATÃO. *Diálogos: o banquete*, Fédon, sofista, político. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Victor Civita, 1972. p.73ss.

³⁴⁶ JÜNGEL, Eberhard. Morte. p.38.

³⁴⁷ ZAGONEL, Maurício Luís. *A morte como passagem da alma para o hades*. Revista Comfilotec – ano 5. vol. 9, 2019. p.5.

³⁴⁸ O FÉDON é um dos diálogos que mais caracteriza a marca do pensamento platônico ou até mesmo do platonismo na história da cultura ocidental. Nele, Platão relata o evento da morte de Sócrates. O fato é que, no ano 399 a.C., o filósofo foi condenado à morte em Atenas, acusado de “impiedade por não reconhecer o culto dos deuses” e por “corromper a juventude”. Na descrição das últimas horas do filósofo, partilhadas com os próprios companheiros antes de tomar cicuta, é apresentada a autobiografia do homem que, por força de suas próprias convicções, escolhe morrer respeitando a lei da cidade, embora os juízes o acusem injustamente. (VELLA, Giovanni. *A alma e a morte na apologia do Fédon: Sócrates entre θάνατος e τεθνάναι*. Tese (Doutorado em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC SP, 2019).

³⁴⁹ SANTOS, José Trindade. *Para ler Platão: alma, cidade, cosmo*. Tomo III. p.39.

A “ψυχή” psychê, sede da racionalidade e consciência moral é o tema central do diálogo Fédon. Esta marcante oposição no diálogo Fédon, por sua vez, principiou o debate acerca da natureza da alma. Enquanto ao corpo são atribuídas as emoções e as paixões, encarados como a raiz de todos os vícios, algo peculiar no mundo dos sentidos, a alma move-se pela razão e encontra-se no superior e elevado mundo das ideias, conforme a filosofia platônica.³⁵⁰ Por esse motivo, Platão em Fédon, prega o desejo que deve permear o filósofo e todo amante da verdadeira sabedoria, à libertação da alma dos vícios e males que fazem parte do arcabouço corpóreo alienantes do acesso da alma ao divino, no anseio por alcançar na morte o acesso ao racional.³⁵¹

A bem da verdade, Fédon, conforme preleção de Vella, “foi produzido para iniciar os jovens discípulos de Platão no tema da imortalidade da alma e, ao mesmo tempo, oferecer uma meditação ética a respeito da morte”.³⁵²

A separação da alma do corpo na morte, bem como a busca pelo saber, funcionam como salvação para a alma, determinada a encontrar o restabelecimento da sua ligação com o divino.³⁵³

Para Sócrates, aqueles que em vida praticaram crimes horrendos, atentatórios a dignidade humana, ao invés de se dirigirem para o Hades, quando do evento morte, são conduzidas direto ao Tártaro, local onde nunca podem sair. Aquelas, contudo, que não cometeram crimes graves, no processo de sua expurgação, emergem um ano depois, até passarem por uma nova encarnação. Melhor fim está reservado, porém, aqueles que se dedicaram à filosofia, pois, uma vez libertos dos seus corpos, vão habitar esplêndidas moradas, sem necessitarem de purificação.³⁵⁴

³⁵⁰ SANTOS, José Trindade. *Para ler Platão: alma, cidade, cosmo*. Tomo III. p.40.

³⁵¹ SANTOS, José Trindade. *Para ler Platão: alma, cidade, cosmo*. Tomo III. p.40.

³⁵² VELLA, Giovanni. *Desejo impossível e conhecimento possível*. Do Fédon a O Banquete: o poder gerativo de Eros. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de São Bento. 2013.

³⁵³ SANTOS, José Trindade. *Para ler Platão: alma, cidade, cosmo*. Tomo III. p.42.

³⁵⁴ SANTOS, José Trindade. *Para ler Platão: alma, cidade, cosmo*. Tomo III. p.47.

A utilização do verdadeiro conhecimento, conforme a filosofia platônica, se dá com o desapego a esta vida e a aquisição da vida após a morte. Momento em que, o verdadeiro conhecimento será adquirido. O sábio, ciente deste fato, tornar-se-ia então, feliz com a morte, enquanto àquele que lhe falta entendimento, se entristeceria com a proximidade da morte³⁵⁵.

CONCLUSÃO

Por todo o exposto, restou cristalino que, doença e morte, é algo extrínseco e inevitável ao ser humano, que lhe retira a independência e autonomia sobre sua vida, deixando-lhe impotente diante da inevitabilidade do surgimento das doenças e morte, ainda que hodiernamente se possa contar com o avanço tecnológico da medicina.

E, diante das adversidades, inquietudes e angústias, como consequência, daquilo que foge ao controle humano e contrapõe a sua independência, traduzido nas doenças, moléstias e morte, que se transmuta em um sentimento de impotência humana, a solução encontrada pelo homem foi o florescimento da religiosidade no seio comunitário.

A ideia da fúria dos deuses como resposta a uma vida desenfreada permeou o imaginário da humanidade desde a Antiguidade. Como mecanismo de autodefesa, contendo elementos cognitivos e emocionais, com vistas a se aplacar a fúria dos deuses, criou-se então toda uma ritualística sacrificial, aliada a castidade do indivíduo, com vistas a se atrair a benesse divina, de modo a expurgar doenças e moléstias, bem como a precocidade da extinção do indivíduo do convívio com seus entes queridos.

³⁵⁵ ZAGONEL, Maurício Luís. *A morte como passagem da alma para o hades*. Revista Comfilotec – ano 5. vol. 9, 2019. p.9.

A inquietação com o destino após a morte, quedou-se demonstrado no surgimento do Estado intermediário, naquilo que se denominou “שְׁאוֹל” ‘Sheol’, para os judeus, concebido como o lugar para onde vão os ímpios e os justos. Na concepção grega, o “Estado Intermediário”, conforme demonstrado, pode ser visto como o destino dual da Alma. Haja vista, na libertação da alma imortal do corpo, que é mau, presa fácil dos prazeres, paixões e frivolidades, que escravizam-no, abrir-se-ia a possibilidade da existência no “Αἰδης” Hades. Local onde a alma, somente após a morte, alcançaria a plena sabedoria.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Tiago. *O hebraico nosso de cada dia: Reflexões teológicas, espirituais e práticas de dez importantes palavras HEBRAICAS*. São Paulo: Hagnos, 2022

ARANTES, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019

BARBOSA CA, Bertão LSP, Passinho LS. *Os inimigos invisíveis: a doença como metáfora*. Rev Inter Educ Saúde. 2020;4(2):100-104. <http://dx.doi.org/10.17267/2594-7907ijhe.v4i2.3330>.

BÍBLIA Sagrada. Harpa Sagrada. Barueri: *Sociedade Bíblica do Brasil*, Rio de Janeiro: Casa Publicadoras das Assembleias de Deus, 2016

CALONGA, Adimir Brito; VERAS, Cesar Augusto; TREVIZAN, Marcio Bogaz; BORGES, Pedro Pereira. O ‘*Manual para a Vida Feliz*’ de Epiteto: Um Comentário Sobre os Fragmentos de 1 A 6. *Synesis*, v. 13, n.2, p. 19-36, ago/dez2021, ISSN 1984-6754.

CORNELLI, Gabriele. *Sábios, Filósofos, Profetas ou Magos? Equivocidade na recepção das figuras de θεῖοι ἄνδρες na literatura helenística: a magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Kliné, 2022

FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. Trad. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2019. p. 2.

JÜNGEL, Eberhard. *Morte*. Trad. Ilson Kayser. 3ed. São Leopoldo/RS: Sinodal/EST. 2010

NETO, Felinto Pessôa de Faria; Cavalcanti, Juliana Batista (org.). *Judaísmos e Cristianismos antigos: interações culturais na Bacia Mediterrânea*. Rio de Janeiro: Klíne, 2021.

PLATÃO. *Diálogos: o banquete*, Fédon, sofista, político. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Victor Civita, 1972.

REINKE, André Daniel. *Os outros da Bíblia: História, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

SANTOS, José Trindade. *Para ler Platão: alma, cidade, cosmo*. Tomo III. São Paulo: Loyola, 2009.

SANTOS, Pedro Evaristo C. *A COMUNIDADE JOANINA E A SINAGOGA: VIOLÊNCIA E COMPAIXÃO EM JOÃO 9* – Revista Âncora - ISSN 1980-9824 | Volume IX – Ano 9 | Março de 2014.

SILVA, Daniel Neves. *Grandes epidemias da história*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/grandes-epidemias-da-historia.htm>>. Acesso em: 13/06/2024.

SOUZA. A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé. *Dynamis* [0211-9536] 2010; 30: 41-63

SOUZA, João Bosco de. *Ecumenismo e diálogo Inter-Religioso*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

VELLA, Giovanni. *Desejo impossível e conhecimento possível*. Do Fédon a O Banquete: o poder gerativo de Eros. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de São Bento. 2013.

VELLA, Giovanni. *A alma e a morte na apologia do Fédon: Sócrates entre θάνατος e τεθνάναι*. Tese (Doutorado em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC SP, 2019

ZAGONEL, Maurício Luís. *A morte como passagem da alma para o hades*. Revista Comfilotec – ano 5. vol. 9, 2019.